

POLÍTICA MILITAR PROLETÁRIA: Trotsky diante da II Guerra Mundial

Maycon Bezerra de Almeida: Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

A Segunda Guerra Mundial é daqueles eventos históricos que, pela grandiosidade do alcance de suas conseqüências diretas e indiretas, estabelece para a humanidade um “antes” e um “depois” de maneira muito clara. A consolidação da hegemonia absoluta do Imperialismo estadunidense frente a seus rivais europeus e japoneses no controle do mundo submetido ao capital; a inauguração da era dos armamentos nucleares; o estabelecimento da chamada “Guerra Fria”; o deslanchar do processo de descolonização dos países da África e Ásia; a criação dos Estados Operários na China, Coréia, leste europeu, Cuba, entre outros; a criação do Estado de Israel e todas as suas conseqüências para o Oriente Médio. Todos estes fenômenos tiveram um papel de primeira importância no delineamento das formas principais que assumiu o desenvolvimento da história mundial nos últimos sessenta anos. O fato de estarmos a exatas seis décadas de distância do fim da Segunda Guerra Mundial deve ser um momento de especial reflexão para todos atentos ao desenrolar da história das sociedades em geral, e para os marxistas, em particular.

A proposta deste trabalho é trazer à análise e à reflexão a chamada “Política Militar Proletária” desenvolvida teoricamente por León Trotsky e pela IV Internacional diante da iminência evidente e, logo, da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Esta política, que foi desenvolvida principalmente em dois documentos redigidos por Trotsky e assinados pela IV Internacional – o “Programa de Transição” em 1938 e o “Manifesto da IV Internacional sobre a Guerra Imperialista e a Revolução Proletária Mundial” em 1940 – é aqui compreendida como uma parte extremamente fundamental do pensamento deste autor, sem a qual, a compreensão de sua obra teórica e política fica profundamente abalada. Esta afirmação guarda importância devido ao fato de que em sua própria época, a Política Militar Proletária foi fruto de uma viva polêmica no interior dos agrupamentos políticos que conformavam a IV Internacional, foi compreendida e implementada integralmente apenas pelo estadunidense Socialist Workers Party - SWP (seção da IV Internacional naquele país) e tornou-se o centro do processo de importantes cisões que a atingiram. O argumento de que a Política Militar Proletária significava um abandono da posição internacionalista revolucionária por parte do próprio Trotsky, foi o que motivou diversas seções da IV Internacional a reprovarem este desenvolvimento teórico-político de seu fundador¹.

A assim chamada Política Militar Proletária se estruturava de maneira coerente com cada aspecto, reivindicação e conclamação relacionada com os demais. Diante da eclosão da II Guerra Mundial e da gigantesca mobilização de tropas realizadas pelos Estados imperialistas, reivindicava e clamava por armamento e treinamento militar generalizado ao proletariado, o controle operário – e posteriormente a nacionalização – na Indústria Bélica, independência das organizações operárias em relação ao controle policial militar, a abolição da diplomacia secreta e a formação de escolas especiais, financiadas pelo Estado e controladas pelos sindicatos operários, com o objetivo de formar oficiais proletários para as

¹ Rodolphe Prager. “Prefacio de Los Congresos de la IV Internacional (Tomo II)” In. CEIP (org.), “Los trotskistas en la Segunda Guerra Mundial”, SD, Cuadernos del CEIP nº 1. <http://www.ceip.org.ar/inhNew.htm>

tropas e regimentos mobilizados². Estas reivindicações estavam profundamente vinculadas com a perspectiva de desenvolvimento da luta de classes no interior da própria “máquina militar do estado burguês” – conforme o próprio Trotsky – quando o próprio desenrolar da guerra abriria a crise política que criaria as condições ótimas para o lançamento desta etapa de luta. É fundamental deixar claro que esta política está sendo formulada – e desenvolvida – em um contexto (1938-40) no qual as sociedades capitalistas avançadas da Europa e dos Estados Unidos da América, onde se encontravam as principais bases de atuação da IV Internacional, estão marchando aceleradamente em direção à militarização total. “En la próxima etapa todos los grandes problemas se decidirán con las armas en la mano. Los obreros no deben tener miedo de las armas; por el contrario, tienen que aprender a usarlas”³, é o que então afirmava Trotsky em 1940. Nos Estados Unidos, a discussão política sobre a guerra domina completamente o debate público, e na Europa a guerra já é uma realidade na qual milhões de operários são mobilizados para as frentes de batalha e a vida cotidiana das populações passa a ter por eixo principal a luta pela vida e o temor da morte, decididas, ambas, nas pontas dos fuzis, no trovejar das artilharias e nos bombardeios aéreos.

Ao analisar a Política Militar Proletária, não é possível, sem prejuízo no que diz respeito à compreensão de seu sentido e de sua lógica, isolá-la do conjunto das formulações teóricas e políticas de Trotsky, principalmente daquela que é dirigida a dar respostas ao período em questão. Desde 1933, quando a orientação do Komintern conduz e defende a política do Partido Comunista Alemão em relação ao movimento operário e à ascensão do nazismo naquele país, Trotsky compreende que não é mais possível disputar a III Internacional como uma oposição revolucionária de esquerda em seu interior. A partir de então marca o início de uma nova trajetória no sentido da construção de uma nova organização revolucionária comunista internacional: a IV Internacional (ou Partido Mundial da Revolução Social)⁴. É do ponto de vista da necessidade da construção da IV Internacional, de resto, a expressão prática da busca pela superação da crise de direção do proletariado – conceito que guarda uma importância de primeira grandeza na concepção teórico-prática trotskista – que deve ser compreendida a Política Militar Proletária em toda sua abrangência. Fiel a tradição legada por Marx, Trotsky não parcelarizava a realidade em compartimentos estanques, mas buscava compreender a complexidade do real em todos os seus nexos e relações. É como parte da teoria-prática global de Trotsky, e não como um fragmento solto e isolado, que a Política Militar Proletária será aqui apresentada.

Dito isto, é preciso identificar com clareza os dois enfoques distintos, mas profundamente associados e complementares, dentro dos quais a Política Militar Proletária deve ser examinada. O primeiro enquadra a Política Militar Proletária no âmbito das disputas políticas no interior do movimento dos trabalhadores, e, assim, era encarada como uma maneira de impulsionar a construção dos partidos da IV Internacional em seu interior,

² Leon Trotsky. “Programa de Transição: agonia mortal do capitalismo e as tarefas da Quarta Internacional”. Boletim da Oposição, 1938. In “Marxists.org” (Site de Internet). http://www.marxists.org/portugues/trotsky/1938/09/03_programadetransicao/index.htm

³ Leon Trotsky. “Manifiesto de la Cuarta Internacional sobre la guerra imperialista y la revolución proletaria mundial”. Socialist Appeal, 1940. In. “Marxists.org” (Site de Internet). <http://www.marxists.org/espanol/trotsky/ceip/escritos/Libro6/ContextHelp.htm>

⁴ Andrea Robles et Andrea Polaco. “La táctica de entrismo en Trotsky y la construcción del partido revolucionario” In. Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones “León Trotsky” (Site de Internet). <http://www.ceip.org.ar/inhNew.htm>

como o próprio Trotsky argumenta junto aos dirigentes do SWP estadunidense. “Este tipo de enfoque nos daría acceso a los trabajadores, que son patriotas en un noventa y cinco o noventa y ocho por ciento, incluso en la actualidad” (...) “Sólo con esta perspectiva, no con la oposición abstracta al militarismo, podemos tener éxito en los sindicatos y las organizaciones militares”⁵. O segundo enfoque, revela o papel que a Política Militar Proletária desempenharia diante da crise política e social que atingiria inevitavelmente – de acordo com a análise de Trotsky - os países imperialistas e também os países coloniais e semi-coloniais em função da guerra: os trabalhadores armados transformariam, em conformidade com a máxima de Lênin, a guerra imperialista em guerra civil revolucionária. Aqui, o que se vislumbra são as possibilidades políticas abertas à IV Internacional, desde que seus partidos estivessem firmemente enraizados junto aos operários e soldados de armas em punho, frente à crise capitalista gerada pela guerra e intransigentemente dirigidos à construção da Ditadura do Proletariado. Como afirma Trotsky, são incomparáveis as possibilidades que vão sendo abertas pela militarização total promovida pelo Estado diante da Segunda guerra Mundial, com aquelas relativas à criação de milícias operárias de auto-defesa frente o avanço do fascismo no período imediatamente anterior: “El estado está hoy organizando tremendas maquinarias militares con millones de hombres. No son ya las pequeñas posibilidades de las guardias defensivas, sino las más amplias posibilidades otorgadas por el propio estado burgués”⁶.

Entender os contornos precisos da Política Militar Proletária é entender o contexto histórico na qual é desenvolvida. Neste sentido, é fundamental a compreensão tanto do contexto sócio-econômico e político amplo do período, como da situação das forças políticas no movimento dos trabalhadores, dos partidos de esquerda, em geral, e dos comunistas, em particular. O período do entre-guerras marca um período bastante fecundo e significativo na produção teórico-prática de Trotsky. Expulso da União Soviética em 1928, dedica-se à construção da Oposição de Esquerda Internacional, ainda no âmbito do Komintern, e posteriormente à IV Internacional. Tal tarefa exigiu dele o voltar-se para a análise mais detida da situação econômica e política das sociedades capitalistas avançadas, as evoluções de seu aparato estatal, suas relações com o movimento operário e com o mundo colonial e semi-colonial. A partir de sua perspectiva radicalmente internacionalista, o Imperialismo será para Trotsky – assim como para Lênin – uma categoria chave, e dotada de centralidade em sua formulação teórica e no desenvolvimento de sua atividade prática.

A noção de “desenvolvimento desigual e combinado” – de acordo com a qual o estágio imperialista do capitalismo teria atrelado definitivamente o desenvolvimento dos países coloniais e semi-coloniais à dinâmica e às exigências dos países capitalistas avançados, constituindo nos primeiros, setores modernos paralelos a setores ultra-arcaicos na economia e na sociedade como um todo – vincula-se de maneira estreita com a noção da “Revolução Permanente” – onde a revolução levada a cabo pelo proletariado torna-se permanente no que diz respeito à sua internacionalização, aos avanços sobre a propriedade privada e ao aprofundamento social da própria ordem socialista. Estas duas noções, associadas ainda com a de “crise da humanidade como crise de direção do proletariado”,

⁵ Socialist Workers Party. "Discusiones con Trotsky", National Committe Bulletin, Socialist Workers Party, 1940, intitulado originalmente como "Discusiones con Lund" (um pseudônimo de Trotsky). In. Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones “León Trotsky” (Site de Internet). <http://www.ceip.org.ar/inhNew.htm>

⁶ Idem. Ibidem

formam o tripé teórico fundamental com o qual Trotsky vai se lançar a compreender, explicar e combater o Imperialismo em suas várias faces. O ex-comandante do Exército Vermelho vai entender o novo acirramento do conflito entre os Estados imperialistas, o desenvolvimento dos movimentos fascistas, o estrangulamento ainda maior – e de novo tipo – dos países coloniais e semi-coloniais como a China pelos países imperialistas, como sintomas da decadência do capitalismo enquanto sistema social, dialeticamente, ao mesmo tempo em que desenvolve-se em seu estágio superior monopolista.

Entendendo que “as condições objetivas necessárias para a revolução proletária não estão somente maduras, elas começam a apodrecer”⁷, Trotsky rechaça teórica e politicamente todo tipo de perspectiva para o proletariado que signifique uma saída conciliatória com a burguesia ou com setores da burguesia, o que na prática teria o significado de uma renúncia à tomada do poder pela classe revolucionária e ao início da transformação socialista do sistema social herdado dos capitalistas. O avançado processo de deterioração do capitalismo teria como consequência o enrijecimento deste sistema, a sua crescente incapacidade para digerir as mais mínimas reivindicações progressistas do proletariado, ou mesmo da pequena burguesia, sem avançar para além dos limites da propriedade burguesa. Desta forma, Trotsky compreende que qualquer forma de aliança do proletariado com a manutenção da ordem burguesa – principalmente na forma da “Frente Popular” - é reacionária porque além de contrariar um dos pressupostos mais básicos das formulações de Marx e Lênin – a independência política do proletariado - na prática significaria o atrelamento da classe trabalhadora, e não sua oposição, ao turbilhão destrutivo que expressaria as convulsivas crises do capitalismo: o esmagamento da democracia e o avanço rumo a uma nova guerra imperialista.

Não menos importante para a compreensão da posição teórico-política de Trotsky em seu conjunto, no interior do qual se insere a Política Militar Proletária, é entender a forma pela qual explica o fenômeno fascista. Diante de Trotsky, o fascismo não deve ser entendido genericamente como a “ditadura terrorista do capital financeiro”, forma pela qual o Komintern o definia. Apesar de não discordar desta caracterização, entende que sem uma compreensão clara do papel da pequena burguesia no que diz respeito ao caráter de classe do fenômeno fascista, e, o que é a mesma coisa vista por um outro ângulo, sem uma diferenciação precisa entre o fenômeno político do bonapartismo e o fascismo propriamente dito, não é possível compreender o último corretamente e, conseqüentemente, dar resposta correta às exigências colocadas diante do proletariado pelo avanço dos movimentos fascistas.

Por entender que o fascismo somente se torna historicamente possível diante de um contexto de impasse e desmoralização do proletariado e de seus partidos, caso no qual a pequena burguesia tenderia a ser absorvida por uma política reacionária anti-proletária e, ilusoriamente, independente e contrária ao grande capital, Trotsky afirma que, longe de afastar o apoio da pequena burguesia, uma política decididamente combativa e de enfrentamento direto ao capital financeiro e ao fascismo é a única maneira de freá-lo, recobrando a confiança da pequena burguesia e retomando a ofensiva em direção à ditadura do proletariado. Associando a esta compreensão do caráter social do fascismo, o entendimento de que os diversos regimes bonapartistas, distintos ainda do fascismo em sua plenitude, são, no entanto, sua ante-sala e um momento de breve impasse na luta de classes a ser resolvido em pouco tempo, Trotsky levanta, ainda no início da década de 1930, a

⁷ Trotsky. “Programa de Transição”. cit

bandeira da criação de milícias operárias de auto-defesa como medida contra o avanço do fascismo e como criação - diante do impasse bonapartista - das condições para um enfrentamento decisivo pelo poder contra a burguesia. O sentido classista desta palavra de ordem – criação de milícias operárias – no desenvolvimento de um processo de luta e fortalecimento organizativo do proletariado é a base mesma e o estágio imediatamente anterior ao desenvolvimento da Política Militar Proletária, para cuja viabilização, a mobilização imperialista para a guerra foi o passo necessário⁸.

A maneira pela qual Trotsky vai explicar o sentido do desenvolvimento político dos diferentes setores da esquerda no entre-guerras – social-democratas, “centristas”, stalinistas e anarquistas – também é de fundamental importância para a compreensão do aspecto global do pensamento trotskista no interior do qual é formulada a política que é objeto da presente análise. O líder da IV Internacional entende, juntamente com Lênin, que a Social-Democracia faliu historicamente ao assumir a defesa de seus respectivos estados diante da I Guerra Mundial. Em relação ao stalinismo – direção política do Komintern – vai afirmar que a elaboração da política das Frentes Populares (coalizão política dos partidos comunistas com partidos burgueses “anti-fascistas”) e sua manifestação concreta no âmbito da guerra civil espanhola (1936-39) vai significar sua passagem decidida para o campo contra-revolucionário da burguesia com a abdicação de qualquer margem de independência de classe na política da burocracia de Moscou em relação ao movimento operário. O que Trotsky vai chamar de “centrismo” – partidos e grupos oriundos de cisões no âmbito dos partidos socialistas e, em menor escala, também dos partidos comunistas, refratários à associação com a IV Internacional – terá, em sua análise, seu caráter necessariamente vacilante confirmado pela atuação política do POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista) no interior da Frente Popular no âmbito, também, da guerra civil espanhola. Este mesmo conflito será para Trotsky, o fenômeno histórico onde explicitou-se a falência definitiva do anarquismo enquanto corrente política com pretensão à disputa da direção do proletariado internacional, em função da participação ativa da central operária anarcosindicalista (Confederación Nacional del Trabajo) no governo da Frente Popular daquele país⁹.

Ao mesmo tempo em que vai, passo a passo, expor as razões pelas quais entende o papel contra-revolucionário desempenhado pelas forças políticas adversárias no âmbito do movimento dos trabalhadores, e sua incapacidade para levar o proletariado à realização da transformação socialista da sociedade, apontando nos diversos fenômenos históricos contemporâneos (guerra civil espanhola, ascensão do fascismo na Itália e na Alemanha, degeneração burocrática da União Soviética, etc) a responsabilidade política destas direções pelas sucessivas derrotas da classe proletária, Trotsky vai afirmar a necessidade de uma política de “Frente Única” junto a estes setores no âmbito da luta de classes como maneira de retomar a ofensiva contra a burguesia. Desta maneira, a classificação de “sectária” aplicada de maneira bastante ampla à política de Trotsky neste período deve ser avaliada criticamente. Importante é afirmar a centralidade da política da “Frente Única” – exclusiva entre setores políticos distintos no interior do movimento operário – nas formulações teórico-práticas de Trotsky no que diz respeito ao combate contra o fascismo e no avanço

⁸ Leon Trotsky. “Fascism: What it is and how to fight it”, London, Pioneer Publishers, 1944. In. “Marxists.org” (Site de Internet) <http://www.marxists.org/archive/trotsky/works/1944/1944-fas.htm>

⁹ Leon Trotsky. “Manifiesto de la Cuarta Internacional sobre la guerra imperialista y la revolución proletaria mundial”. cit

rumo à ditadura do proletariado. A “Frente Única” é para este revolucionário o instrumento mais eficaz para o desenvolvimento da capacidade da IV Internacional e seus partidos de chegarem aos trabalhadores, em sua imensa maioria ligados à social-democracia ou aos partidos comunistas¹⁰.

É fundamental destacar que Trotsky entende o contexto histórico no qual desenvolve a Política Militar Proletária como dotado de amplas possibilidades positivas para a atuação política revolucionária da IV Internacional, e, longe de dedicar-se à mera marcação de posições frente à realidade, o revolucionário soviético está, de maneira consciente, buscando ajustar sua concepção teórico-prática às demandas próprias da dinâmica móvel da realidade social com vistas a um posicionamento favorável no “teatro de operações” da luta de classes e na “frente” da construção da ditadura do proletariado, para usar um vocabulário militar tão ao gosto do líder da IV Internacional. Como afirma o próprio, “es inadmisible poner a la actual vanguardia revolucionaria al mismo nivel de aquellos internacionalistas aislados que elevaron sus voces cuando estalló la guerra anterior. (...) La Cuarta Internacional, por el número de sus militantes y especialmente por su preparación, cuenta con ventajas infinitas sobre sus predecesores de la guerra anterior”¹¹. É deste ponto de partida que se lança Trotsky no desenvolvimento da política em questão.

De um ponto de vista mais especificamente teórico a Política Militar Proletária vai ser desenvolvida por Trotsky a partir do legado de Marx e, fundamentalmente, de Lênin. Como visto anteriormente, esta política deve ser entendida no contexto mais amplo das conseqüências teórico-práticas da teoria da Revolução Permanente. Esta teoria, que pode, certamente, ser encarada como a espinha dorsal das formulações de Trotsky, é por ele desenvolvida com base em uma linha de continuidade com o pensamento de Marx. No texto da “Mensagem do Comitê Central à Liga de março de 1850”, Marx e Engels afirmam que “(...) o nosso interesse e a nossa tarefa consistem em tornar a revolução permanente, até que seja eliminado o domínio das classes mais ou menos possuidoras, até que o proletariado conquiste o poder do Estado, até que a associação do proletariado se desenvolva, não só em um país, mas em todos os países predominantes do mundo (...)”¹². Esta orientação, expressa, de resto, em outros trechos do mesmo texto e em outras obras dos mesmos autores, fundamenta a defesa de Trotsky da teoria da Revolução Permanente como a única a expressar uma clara continuidade com as formulações de Marx neste âmbito.

Em relação à formulação teórico-prática de Lênin, Trotsky relaciona uma associação mais direta com a sua própria. O derrotismo revolucionário, plenamente desenvolvido enquanto política pelo futuro dirigente do primeiro Estado Operário em 1915, como resposta à eclosão da I Guerra Mundial e à confusão gerada entre os socialistas sobre que posição tomar diante dela, baseava-se na idéia de que a derrota do próprio Estado Nacional burguês na guerra era o mal menor, pois abria as possibilidades para a vitória na ação revolucionária do proletariado¹³. Esta perspectiva mostrou-se bastante ligada à

¹⁰ Idem. Ibidem

¹¹ Idem. Ibidem

¹² Karl Marx et Friederich Engels. “Mensagem do Comitê Central à Liga de março de 1850” In: Florestan Fernandes (org.). Marx, Engels. História. 3ª edição. São Paulo, Ed. Ática, 2001. p 224-225.

¹³ Vladimir Ilitch Lenin. “El socialismo y la guerra: la actitud del POSDR diante da guerra”. In “Tres artículos de Lenin sobre la guerra y la paz”. Pequim, Ediciones en Lengua Extranjera, 1976. In. “Marxists.org” (Site de Internet) <http://www.marxists.org/espanol/lenin/1910s/1915sogu.htm>

realidade quando em 1917 se dá a tomada do poder pelo proletariado na Rússia, em grande parte possibilitada pelo desgaste do Estado czarista gerado na guerra. O derrotismo revolucionário significava não somente a recusa ao apoio à “própria” burguesia na guerra imperialista, como a luta ativa contra a mesma guerra, a burguesia e pela tomada do poder. Este derrotismo revolucionário de Lênin significava atividade política revolucionária nas fábricas, campos, quartéis e nos próprios regimentos da frente de combate com o objetivo de transformar a guerra imperialista em guerra civil revolucionária. O mesmo Lênin, em um outro texto elaborado durante a I Guerra Mundial¹⁴, vai apontar de maneira bem clara no sentido do desenvolvimento de uma política que guarda os mesmos contornos fundamentais encontrados na Política Militar Proletária de Trotsky desenvolvida quase vinte e cinco anos depois. Neste ponto, o texto do próprio Lênin é muito claro quando numa referência às Forças Armadas dos países imperialistas afirma que “(...)nosotros podemos exigir que los oficiales sean elegidos por el pueblo, que sea abolida toda justicia militar, que los obreros extranjeros tengan los mismos derechos que los obreros nacionales (...). Y además, que cada cien habitantes de un país, por ejemplo, tengan derecho a formar asociaciones libres para aprender el manejo de las armas, eligiendo libremente instructores retribuidos por el Estado, etc.”¹⁵.

A Política Militar Proletária, como adequação particular das determinações leninistas do derrotismo revolucionário no contexto do final da década de 1930 e início da década de 1940, e como aplicação da teoria da Revolução Permanente na situação da eclosão da II Guerra Mundial, reveste-se de especial relevância por se constituir em registro da aplicação da teoria-prática do marxismo a um cenário de guerra total, com um nível de envolvimento da população mundial, e com a participação de uma maquinaria de destruição nunca vistas até então. As polêmicas e divergências relativas à política em questão, nascidas no momento mesmo em que era formulada, estimulam a realização de uma aproximação detida na busca de compreendê-la em todos os seus aspectos e em todas as conexões com o conjunto da teoria global do marxismo tal como desenvolvido por Lênin e, principalmente, por Trotsky. Se as comemorações pelos sessenta anos do fim da II Guerra Mundial trouxeram para o primeiro plano do debate público a discussão sobre a União Soviética e o papel que aí desempenhou, no campo específico dos marxistas, podemos ir mais a fundo na investigação historiográfica e ver que lições podem ser tiradas da Política Militar Proletária, seu significado e suas conseqüências.

¹⁴ Vladimir Ilitch Lenin. “El programa militar de la revolución proletaria”. In “Tres artículos de Lenin sobre la guerra y la paz”. Pequim, Ediciones en Lengua Extranjera, 1976. In. “Marxists.org” (Site de Internet) <http://www.marxists.org/espanol/lenin/1910s/1915sogu.htm>

¹⁵ Idem. Ibidem